

PAZ – TRANQUILIDADE DO AMOR

Prof. Frei Rovílio Costa

Para Santo Agostinho¹, “Paz é a tranquilidade da ordem”; para Pio XII², “Paz é obra da justiça”; para Vegécio³, paz é uma conquista – “Se queres a paz, prepara a guerra”. – Três modos de ver a ação humana.

Para Mahatma Gandhi (1869-1948), “a paz não é algo pelo qual se fazem votos. É o que você faz, você constrói você é, e você passa adiante”.

A filosofia, a ética, a moral propõem a relação do homem com o cosmo, dos homens entre si, definindo direitos e deveres, para pacífica convivência.

No “Ide, anunciai meu Evangelho a toda a criatura” (Mt 16,15), Cristo evidencia a nova vocação da humanidade ao amor e à salvação. “Vim para que todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10). E este Deus, feito criatura, é Amor (1Jo 4,8). Portanto, paz é a *tranquilidade do amor*⁴.

No “Dominai o mundo” (Gn 1,28), Deus torna o homem co-participante na construção da harmonia do universo; no “Destá árvore não comerás” (Gn 2,17), remete-o à conquista da harmonia e da paz.

¹ *Tranquillitas ordinis, Cidade de Deus*, 19,13.

² *Opus justitiae pax*, lema.

³ *De re militari* (III, prol. – *Si vis pacem, para bellum*.

⁴ *Tranquillitas caritatis*.

O competir, apropriar-se, impedir, entesourar, excluir, estabelecer limites, com base em direitos convencionais, é criar trincheiras ao amor e à paz.

Regular a ação humana externa não tem por si só força geradora da paz, como tranqüilidade do amor. Dar a cada um o que é seu, proposta da justiça comutativa, visa à tranqüilidade da ordem, mas o dar a cada um aquilo a que ele tem direito visa à tranqüilidade do amor, que tem como base a pessoa em situação do ser, enquanto a justiça tem como base a pessoa em situação do ter, saber e fazer. Só o amor gera a paz e faz justas alianças para dar a cada um aquilo a que ele tem direito, colocando o ter, o fazer e o saber a serviço da paz.

Para Gandhi, é agente da paz aquele que vive a harmonia consigo mesmo e a comunica ao semelhante. E João Paulo II assim denuncia os sofistas anunciadores da paz – “Se é possível, a paz é um dever”⁵.

O poder e a força são antagônicos à paz, porque não respeitam a relação do homem consigo mesmo, com os semelhantes e com Deus. O espírito humano se alimenta de amor, não de armas, potências e fronteiras. O apóstolo Paulo de Tarso indica os caminhos do amor como caminhos da paz: “O amor é paciente, é benigno, é manso, é prudente, não *faz más ausências...*” (1Cor13,4). Os humanos sofrem da incapacidade de *fazer boas presenças*, postadas na mesa universal da fraternidade com o festejado cardápio das diferentes raças, etnias, religiões e culturas.

Só o homem consciente de sua transcendência luta incessantemente pela paz como tranqüilidade do amor. Não construir o amor é construir o ódio, negação do “Deus é amor” (1Jo 4,8). A ilusória justiça exterior contamina a humanidade. “Não é aquilo que entra pela boca que mancha o homem, mas aquilo que sai dele” (Mt 15,11). A arma, a barganha, a condenação, o embuste,

⁵ Mensagem de João Paulo II, 01-01-2004.

as imposturas religiosas, políticas e sociais sempre serão setas ferinas, sujas e letais.

No Antigo Testamento, Deus protege seu povo dos inimigos da interioridade, daqueles que se opõem à sua obediência a Javé, e expressa a paz com a palavra *shalom*, que significa *condição à qual não falta nada*. O altar de Gedeão é chamado *Javé-shalom*, quer dizer *Deus é paz*. Em todo o Antigo Testamento, paz é o estado de bem-estar perfeito, identificado ao estado da divindade.

O Novo Testamento expressa a paz com a palavra *eirênê*, no sentido da ordem e harmonia, que acontece através da boa-nova de Jesus (*Ef 6,15*), paz que é impossível ao mundo (*Jo 14, 27*), porque procede da união com Cristo e excede todo pensamento humano (*Fl 4, 7*). Encontrar Deus em todo irmão e todo irmão em Deus – eis a proposta neotestamentária. Cabe, por isso, perguntar: – poder-se-á condenar pessoas, grupos, etnias, países... e construir a paz?

A universidade do amor ainda carece de registro definitivo e, se o tivesse, muitos “homens de bem” não poderiam ser nela matriculados.

São Francisco de Assis encarnou a paz com o mundo e com Deus, propondo a fraternidade como base de sua Ordem, destinada a proclamar o louvor do Senhor. “Altíssimo, onipotente e bom Senhor” é o início do louvor cósmico de sua obra-prima, *O Cântico do sol*. Ninguém outro poderia ter escrito oração mais significativa que esta sua prece pela paz:

Ó Senhor,

Fazei de mim um instrumento de vossa paz:

Onde há ódio, que eu leve o amor;

Onde há ofensa, que eu leve o perdão;

Onde há discórdia que eu leve a união;

Onde há dúvida, que eu leve a fé;

Onde há erro, que eu leve a verdade;

Onde há desespero, que eu leve a esperança;

Onde há tristeza, que eu leve a alegria;
Onde há trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre,
Fazei que eu busque mais
Consolar que ser consolado;
Compreender que ser compreendido;
Amar, que ser amado,
Porque é dando que se recebe;
É perdoando que se é perdoado;
É morrendo que se vive para a vida eterna.
Amém.